

*Os
Olhos
de
Janis
Babson*



Tinha apenas oito anos quando se soube a triste notícia. Entretanto, no tempo de vida que lhe restou, acumulou um legado muito maior do que poderia imaginar. Pungente viagem ao coração de uma meninazinha extraordinária.

LAWRENCE ELLIOTT

Condensação de um livro a ser publicado brevemente

"The Triumph of Janis Babson" será publicado em forma de livro, sob o título A Little Girl's Gift ("O Presente de Uma Meninazinha"), por Holt, Rinehart & Winston, Inc., Nova York 17, N.Y., E.U.A.



CHAMAVA-SE JANIS. “Com um s no fim”, informava ela gravemente. E naquele inverno de 1959 tinha oito anos de idade. Os cabelos, que haviam sido côm de ouro, começavam a escurecer, e ela era esguia e vaporosa. Quando ria, seus olhos se iluminavam de uma felicidade interior, e a vida borbulhava nela com tanta fôrça que às vêzes parecia transbordar.

—Que coisa *boa*, mamãe!—cantorolou Janis, numa tarde de janeiro, correndo pela casa adentro.

—Qual é a coisa boa?—perguntou Rita Babson.

—Ora, o colégio, a neve, as brincadeiras com os meninos . . . tudo!

Nascera em Windsor, Nova Escócia. Mas, quando ainda pequenina, seu pai, soldado da Polícia Montada do Canadá, fôra transferido para o quartel-general da corporação em Ottawa, e a família se mudou para uma casinha bem arrumada numa rua tranqüila do subúrbio de City View, na zona sudoeste da cidade. Aquela casa e aquela rua se tornaram o mundo de Janis Babson, um mundo que ela amava com exuberância.

Na mesma rua havia uma casa de dez peças, que era a Escola São Nicolau, onde ela cursava o terceiro ano primário em acirrada rivalidade com Elizabeth Hayes pelo primeiro lugar da classe. Adiante se estendia a propriedade onde, havia

muito tempo, ela se apaixonara pelos cavalos de raça ali criados para exposições. Quase tôdas as tardes lá ia ela morro abaixo, aos pulos, com umas cenouras na mão, a título de presente. Rita Babson dizia que a única maneira de ter cenouras em casa era escondê-las.

Também na mesma rua morava Tricia Kennedy, sua melhor amiga; e na casa vizinha morava a “viralata” Suzie. Havia livros impregnados da fascinação de lugares distantes; havia a pintura de aquarelas, e a improvisação de danças com a irmã mais velha, e o tricô, e um menino chamado Ronnie, de cabelos cortados à moda militar, que no verão do ano anterior sorrira várias vêzes para ela. Todos os dias o despertar era para ela uma bênção.

Às vêzes, de joelhos, ela agradecia a Deus tôdas as coisas boas que havia no seu mundo. Não se sentia mística. Não compreendia a palavra. Acontecia apenas que Deus andava muito próximo de Janis Babson, fazia parte da sua vida de todos os dias. Ela o conhecia. Deus era um ente real.

Além de sua mãe, môça bonita, de cabelo castanho-ruivo, e seu pai, Rudy, homem alto, com a farda da Polícia Montada, havia mais cinco Babson: Charmaine, dois anos mais velha do que Janis; Roddy, Karen, Timmy e Sally, todos mais moços. Os pequeninos, Timmy e Sally, eram uma alegria especial. Depois da Missa aos domingos, Janis muitas vêzes conseguia que a mãe os

metesse no carrinho; então, com a cabeça mal aparecendo acima da barra traseira, ela os empurrava de um extremo a outro da Estrada de Côte des Neiges. E não cabia em si de orgulho quando os vizinhos paravam para admirar seus pupilos.

—Andam muito levados—dizia ela com solenidade, e depois abria um sorriso que tinha um brilho de sol.

Tinha uma enorme sensibilidade. Um dia, disse à mãe que lhe dava tristeza ver Sally crescendo.

—Talvez seja nossa última filhinha—disse ela.

Preocupava-se em saber se os passarinhos tinham o que comer no inverno, e pensava na avó, lá longe, em Fort William. Quando se emocionava com alguma coisa, seus olhos se enevoavam. Outras vezes perguntava:

—Por que é que as pessoas têm de ser ruins umas para as outras? Eu gostaria de ser a melhor amiga de todo o mundo.

Um dia, durante a Semana da Bengala Branca, a campanha anual do Canadá em favor dos cegos, ela estava assistindo a um programa de televisão. O locutor explicou que o Banco de Olhos ajudava muitas pessoas cegas a verem de novo, por meio de transplantação da córnea. Apareceu então uma môça contando que perdera o filho num acidente e que doara os olhos do menino, para que um estranho voltasse a ver. Parecia-lhe, disse ela, que, através da visão recuperada de alguém que ela nunca

chegaria a conhecer, seu filhinho continuava vivo.

O programa de televisão tocou profundamente Janis, e por muito tempo ela ficou sentada, refletindo. Depois foi até à cozinha e disse à mãe:

—Mamãe, quando eu morrer, vou dar meus olhos para o Banco de Olhos.

Olhando para a filha, Rita Babson conteve a observação impaciente que lhe veio aos lábios. Havia lágrimas nos olhos da criança quando contou o que vira:

—Há tanta gente que precisa de auxílio, mamãe! Milhares e milhares de pessoas esperando sua vez! Como seria bom se muita gente se comprometesse a doar os olhos!

Rita Babson ficou comovida, mas usou de cautela:

—Compreendo o que você está sentindo, meu bem. Mas é uma decisão muito séria para uma menina de sua idade. Você pode mudar de idéia quando crescer.

Janis abanou a cabeça enfaticamente, agitando os cabelos côm de ouro velho.

—Não. Vou querer sempre a mesma coisa.

Refletiu um instante, com a cabeça inclinada, e depois acrescentou:

—E também não vou esquecer, mamãe.

Uma Subida Muito Longa

HOUVE MUITA neve em fevereiro daquele ano, e para Janis a época era de encantamento. Passava as tardes

inteiras ao ar livre, rodopiando morro abaixo no seu "disco voador", construindo grandes fortalezas de neve com Tricia Kennedy e as outras meninas. Voltava a custo para casa, corada, transbordante das aventuras de cada dia.

Mas aconteceu que de repente suas fôrças esmoreceram. Ficava exausta só de brincar alguns minutos. Bocejava e suspirava profundamente, e em geral quase não jantava. Comia algumas garfadas e parava cansada. A mãe imaginou que ela tivesse alguma gripe incubada, mas Janis não tinha febre, nem sintomas de resfriado. A grande exaustão não passava.

Quando foi chegando o mês de março adensaram-se as olheiras de Janis. Ela sentia dor de cabeça, e o cheiro da cozinha deixava-a enjoada. Afinal, uma noite, pôs-se ereta na cadeira e gritou:

—Ai, que dor!

—Onde foi que doeu? Que é que você tem?—perguntou a mãe, alarmada.

—Minhas costas. Agora já passou, mas doeu muito.

Não houve quem a fizesse faltar à escola e ficar em casa.

—Não posso deixar Elizabeth Hayes passar na minha frente! Ah, mamãe, por favor. Não estou tão doente assim!

Mas numa tarde de muito vento, Janis não chegou a casa com Charmaine e Roddy, e Rita olhou pela janela da sala de jantar. Ficou gelada diante do que viu. Com os braços

carregados de livros, Janis fazia um grande esforço para subir o morro da Estrada de Côte des Neiges, avançando lentamente, passo a passo, através da neve, e sendo quase derubada pela fôrça do vento.

—Roddy!—gritou Rita.—Vá correndo ajudar Janis a chegar a casa. Depressa!

Roddy, que tinha então sete anos, enfiou o casaco às pressas e saiu correndo. Tomou os livros da irmã. Andando na frente dela, para atenuar a violência do vento, tomou o caminho de casa, com Janis agarrada à aba de seu casaco.

—Ufa! —exclamou ela sem fôrças, quando os dois entraram.—Não sei o que aconteceu. Só sei que eu não conseguia mais andar.

Deixou-se cair numa cadeira:

—Estou tão cansada!

Rita tirou o casaco de Janis e olhou atentamente para ela. Ficou de repente assustada com a palidez da menina e com o tamanho dos olhos castanhos, que pareciam tomar todo o seu rostinho magro.

Quando Rudy chegou a casa naquela noite, êle e Rita decidiram que era preciso levar Janis ao médico. Assim, Rudy saiu cedo do trabalho na tarde seguinte e levou a menina ao consultório do Dr. James A. Whillans, o pediatra da família.

O Dr. Whillans é um homem môço e cheio de entusiasmo. Quando Janis entrou no seu consultório, em companhia do imponente cabo da Polícia Montada, êle foi logo perguntando:

—Que é isso, môça? Arranjou um nôvo pretexto para faltar à escola?

Janis deu uma risadinha e fêz rir também os dois homens, respondendo:

—Não, senhor, é um nôvo pretexto para papai faltar ao trabalho.

O Dr. Whillans examinou-lhe a garganta e os ouvidos e auscultou-lhe o coração. Depois, estudando um esfregaço de sangue no microscópio, ficou de repente muito sério, e perguntou:

—Você deixa que a enfermeira espete seu dedo outra vez, Janis?

Quando acabou de examinar a segunda amostra, dirigiu-se ao pai:

—Ela parece estar com uma contagem muito alta de glóbulos brancos. Eu gostaria de mandar fazer um exame de sangue num laboratório. Que acha?

Rudy olhou fixamente para o médico, perscrutando-lhe a fisionomia. Um momento antes, os dois riam; agora, de repente, êle tinha vontade de fazer muitas perguntas. Mas disse apenas:

—O senhor é quem sabe.

Na sexta-feira seguinte, Rudy levou Janis de carro a um laboratório, onde lhe foram tiradas muitas amostras de sangue dos dedos e das veias. Na manhã seguinte, o Dr. Whillans telefonou. Disse brusca-mente a Rudy:

—Não estou nada satisfeito com os resultados. Quero que você leve Janis ao hospital imediatamente. Já providenciei para que ela seja examinada por um hematologista.

Nos últimos dias, nem Rudy nem Rita haviam feito conjeturas em voz alta, mas tinham andado ambos mergulhados em reflexões. Naquele momento, Rudy estava só na cozinha. Disse baixinho ao telefone:

—Não pode ser leucemia, pode, doutor?

Por um instante, só chegaram através do fio sussurros elétricos. Depois, ouviu-se de nôvo a voz do Dr. Whillans:

—Infelizmente, pode.

O Diagnóstico

JANIS CHOROU quando os pais lhe disseram que ela tinha de ir para o hospital.

—Eu não estou doente—insistia ela.—Estou só cansada, juro.

Preocupava-se com a idéia de faltar à escola. Mas Rita explicou que os médicos a fariam melhorar, e no fim Janis parou de chorar e subiu para o seu quarto a fim de preparar a bagagem. Desceu minutos depois, tendo rezado um têrço, e murmurou:

—Estou pronta.

O Hospital Cívico de Ottawa é um vasto conjunto de edifícios de tijolos vermelhos e vidro, que abrange uma grande extensão. A princípio, Janis se sentiu pequenina e perdida naquele ambiente. Mas tinha dado por encerrado o capítulo das lágrimas, e seguiu resolutamente a enfermeira até à enfermaria das crianças. Quando Rita e Rudy entraram para despedir-se, ela já estava enfiada num camisolão branco e sentada na cama, com as pernas

trançadas, estudando as outras crianças que encontrou no grande salão branco. No momento em que os pais a beijaram, ela murmurou ansiosa:

—Vocês vêm visitar-me sempre?

Visitas não faltaram. Rita ia vê-la quase tôdas as tardes, e voltava à noite com o marido. Levavam bilhetes de Charmaine e rabiscos de Karen, que provocavam gargalhadas de Janis e que ela mostrava às suas novas amigas. Passava os longos dias brincando com as outras pequenas doentes; às vêzes recortava formas engraçadas de animais em pedaços de fazenda e mandava-as para casa, para os irmãos pequeninos.

Contou que as enfermeiras tiravam sangue de seus dedos todos os dias. E disse rindo:

—Estou começando a me sentir um paliteiro. Mas quando se vira a cara para o outro lado e se pensa em outra coisa, quase não dói.

Janis estava então sob os cuidados do Dr. Alexander English, um dos maiores hematologistas de Ottawa. Êle prometeu um diagnóstico o mais breve possível, e na noite de quinta-feira telefonou aos Babson. Queria que fôsem procurá-lo no hospital.

Rudy começou imediatamente a vestir o paletó, mas Rita ficou parada junto ao armário da sala, com os dedos comprimindo as faces. Disse afinal:

—Vá você sozinho, sim? Eu não tenho coragem. Fico esperando.

Assim que fechou a porta do consultório, depois de fazer entrar o sol-

gado de fisionomia ansiosa que o procurava, foi logo dizendo:

—Sinto muito ter de dizer-lhe que é realmente um caso de leucemia.

Rudy descobriu que estava preparado para o golpe.

—Não há esperança?—perguntou êle.

O médico abanou a cabeça:

—Sinto muito. Sempre foi uma doença fatal. Mas ela tem uma forma subaguda, e não me parece que tenha começado há muito tempo. Com o tratamento e os remédios que agora existem, ela poderá viver um ano, talvez mais.

Rudy baixou a cabeça, sem ação. Sua primeira idéia foi dizer alguma coisa simpática àquele homem que tinha uma obrigação tão penosa a cumprir. Mas não encontrou palavras para isso.

—O senhor tem liberdade de levá-la para onde entender—continuou o Dr. English.—Mas estou certo do diagnóstico, e não há, nem no Canadá, nem nos Estados Unidos, hospital que esteja melhor aparelhado do que o nosso para o tratamento da leucemia. Seria apenas uma despesa inútil.

Disse ainda que, logo que chegassem a uma conclusão sobre a medição exata e conseguissem melhor equilíbrio do sangue de Janis, ela poderia ir para casa. Êle precisaria continuar acompanhando sempre a contagem dos glóbulos brancos. Para isso Rudy teria de levá-la tôdas as semanas à clínica de câncer do hospital.

—Fora isso, ela pode levar a mesma vida de costume: freqüentar a escola, brincar. Basta dizer-lhe que não tem o sangue perfeito e que está sendo tratada.

Na volta para casa, Rudy procurava em vão um meio de preparar Rita para a notícia. Mas, ao entrar, viu que não era preciso. Ela já adivinhara . . . e bastou olhá-la um instante para ter certeza.

Como se Brilhasse o Sol

JANIS PASSOU no hospital mais de um mês. Nesse período, Rita e Rudy travaram íntimo conhecimento com a leucemia. Por alguma razão impenetrável à Medicina, a medula de Janis, descontrolada, produzia leucócitos—glóbulos brancos do sangue—num ritmo fantástico. A contagem normal deveria ser de uns 7 500 por milímetro cúbico. O exame do Dr. English revelou que a contagem de Janis era cem vezes maior. O pior é que por algum motivo êsses glóbulos estavam em atividade e acabariam espalhando-se pelo corpo todo, invadindo o tecido sadio e destruindo-o.

Os Babson se acostumaram sem querer a palavras como metotrexato e esteróide, drogas fundamentais na batalha para tornar mais lento o curso inexorável da doença. Administrados cautelosamente—o metotrexato é um derivado do nitrogênio-mostarda e perigosamente tóxico—essas drogas conteriam a desmedida multiplicação dos leucócitos.

Mas Rita e Rudy não tardaram a descobrir que mesmo essas drogas

maravilhosas tinham suas sinistras limitações. Pouco a pouco iriam perdendo a eficácia. No fim, nada haveria que adiantasse.

Em meados de abril, Janis se ajustara ao curso do tratamento e estava num período de remissão quase total. Podia ir para casa. Era um dêsses raros dias quentes de primavera que anunciam uma promessa de verão, com um bulício verdejante por tôda a parte. Quando os Babson entraram na Estrada de Côte des Neiges, Janis pulava de entusiasmo. Ao ver Tricia Kennedy à sua espera, em frente à casa de estuque cinzento, saiu voando do carro.

—Tricia! Estou de volta! Ah, Tricia, que bom!

Rita Babson observou o abraço das duas meninas. Viu nova vida e côr nas faces da filha, notou a animação com que ela galgava a escada para encontrar-se com os irmãos e as irmãs. E teve a impressão de que era tudo um pesadelo. Não era verdade que Janis ia morrer. Aquela coisa horrrosa não podia acontecer.

À medida que passavam os dias, a situação parecia ainda mais irreal. Janis estava de volta à escola e ia recuperando o mês de estudos que perdera. Brincava com a animação de costume e reclamava bem-humorada contra a comida sem sal que lhe era imposta. Sempre tivera paixão por coisas como conservas, frios, peixe com batata frita, e um dia improvisou uns versos desconsolados:

O que me está fazendo mal
É só esta comida sem sal!

Mas comia bem, tomava leite em quantidades prodigiosas e engordava de dia para dia. Seguindo o conselho do Dr. English, Rita e Rudy tinham resolvido não dizer nada às outras crianças. Janis devia viver tão feliz e tão normalmente quanto fôsse possível.

Mas a vida mudara. Cada dia tinha a sua significação própria, que nunca seria repetida. As coisas que Rita e Rudy sempre haviam pretendido fazer "algum dia" com as crianças passaram a ser feitas logo, pois o "algum dia" chegara. Davam longos passeios de automóvel, promoviam jogos de salão à noite, e a avó de Janis, que morava em Fort William, veio fazer uma visita aos netos. E havia sempre uma insistente sensação de incredulidade diante da idéia de que aquela criança meiga e vibrante ia ser levada embora.

Rudy levava Janis à clínica tôdas as quintas-feiras de manhã. O Dr. English lhe dissera que, se o letreiro "Clínica de Câncer" assustasse a menina, êle a trataria em outro lugar, mas que preferia o hospital pelas facilidades de que dispunha ali. Se, porém, Janis algum dia notou as palavras do letreiro, nunca falou nisso ao pai.

Apegou-se àvidamente aos novos hábitos. Raramente perdia uma oportunidade de correr até à enfermaria das crianças e dizer uma palavra à sua amada Freda, que tomava conta da cozinha. Conhecia tôdas as crianças que iam à clínica nas quintas-feiras, e tornou-se guia, aliada e

paladina de tôdas elas. Para os que iam pela primeira vez, assustados com os cheiros estranhos e com os instrumentos reluzentes, ela era uma coluna de fôrça, uma veterana capaz de dizer convincentemente:

—Uma espetadelazinha rápida e está acabado. Quase não dói.

O pessoal do hospital esquivava-se de alimentar sentimentos profundos por doentes que sabiam condenados a morrer. Mas Janis conquistou rapidamente as enfermeiras e os especialistas do laboratório de hematologia, e deslizava de um gabinete para outro, como um passarinho, cumprimentando a todos, tagarelando sôbre a escola.

Se faltava alguém, ela batia na máquina um recadinho afetuosos: "Querida Miss Jessamyn, fiquei muito triste por não encontrar a senhora hoje. Por onde andava? Um abraço da Janis."

Ninguém se referia a ela na sua ausência, mas não era possível deixar de reconhecer a sua presença. "Por volta de 11 horas, tôdas as quintas-feiras, havia por aqui uma espécie de expectativa", disse um dos técnicos. "É de repente ela aparecia . . . como se brilhasse o Sol."

A contagem dos leucócitos foi caindo ininterruptamente.

"Deus Não Ia Errar"

JANIS PASSOU bem o verão. Em setembro, no dia de seu nono aniversário, os pais lhe deram uma bicicleta nova. Entusiasmada, ela saiu para uma exploração da mata próxi-

ma. Novamente em pé de igualdade, ela e Elizabeth Hayes recomeçaram a competição pelo primeiro lugar no quarto ano primário, na classe de Miss McPhee.

Em outubro, porém, houve um retrocesso. Ela se sentiu de repente esgotada, sem energia nenhuma. O Dr. English anunciou que a contagem dos leucócitos havia subido de novo. O metotrexato tinha provavelmente perdido a eficácia, disse êle. Receitou transfusões de sangue e mudou o remédio. Disse aos Babson que seria bom que Janis se cansasse um pouco menos.

—Quando é que êsse meu sangue vai melhorar?—perguntou ela à mãe.—Estou tomando o remédio há tanto tempo! Será que vai mesmo melhorar algum dia?

Foi a primeira das muitas perguntas penosas que Rita Babson teria de enfrentar. Mas ela nunca conseguiu adotar como solução uma simples evasiva. Pegou as mãos da filha e disse:

—É um fardo que Deus lhe deu, meu bem. Por enquanto, você não tem outra coisa a fazer senão suportá-lo. Algum dia há de conhecer as razões divinas.

Janis tinha uma fé absoluta, e sorriu:

—Eu sei, mamãe. Deus não ia errar. Sou eu que ando rabugenta.

Passou então a tocar a corda enquanto os outros pulavam e a distribuir o aparelhamento da ginástica enquanto os outros faziam os exercícios, e, quando chegou o inverno,

passou a assistir da janela enquanto os irmãos deslizavam morro abaixo.

—Eu gostaria tanto de ir também—disse ela um dia a Charmaine.

Mas logo acrescentou:

—Não há de ser por me preocupar com isso que vou fazer o dia chegar mais depressa.

Pouco a pouco foi melhorando outra vez. Em março, quando segundo os prognósticos do Dr. English o fim devia estar próximo, ela recomeçou a engordar. O único sintoma era, de vez em quando, uma dor de cabeça.

Mas via-se que houvera uma alteração de outra natureza, mais sutil. Havia nela serenidade, paz, uma nova profundidade. Como seria *realmente* o purgatório?—perguntou ela a Rita. Seriam os dias tão longos como na Terra?

Duas vêzes lembrou aos pais que queria doar os olhos ao Banco de Olhos.

Sempre se preocupara em agradar aos outros, e isso parecia ser agora a sua maior felicidade. Todos os sábados de manhã cedo, com o acompanhamento de “Psiu, não acordem mamãe e papai”, levava Timmy e Karen para o porão e brincava de escola com êles. Ensinava-os a cobrir letras e a colorir figuras. Às vêzes, acordada na cama, Rita ouvia a vozinha de criança de Janis com cadências de adulto: “Agora, crianças, como vocês se comportaram muito bem, vou ler uma história . . .”

Um sábado, iluminada por uma nova idéia, lançou-se aos preparativos de uma surpresa de verdade para

os pais. Deixando o *bacon* na frigideira e Roddy montando guarda à torradeira—“Não vá esquecer que o pão tem de ficar dourado”—correu ao jardim e colheu as primeiras rosas do verão.

Ouvindo o movimento, Rita fêz menção de levantar-se. Rudy a deteve:

—Não sei o que ela está fazendo; mas, seja o que fôr, está-se divertindo. Deixe-a.

Alguns minutos depois, carregando bandejas enfeitadas, Janis e Roddy entraram, com sorrisos encaulados, para apresentar sua oferenda: um suntuoso café da manhã, embelezado por dois vasos de rosas. Rudy ficou sem fala, e Rita só conseguiu dizer com voz rouca:

—Que história é essa?

—Vocês dois se aborreceram tanto com a minha doença que eu resolvi agradecer assim. Foi a melhor maneira que encontrei. Quem fêz as torradas foi Roddy.

Os Babson estavam acostumados a tomar só café com pão de manhã, mas Janis se desdobrava, insistindo para que comessem.

—Está gostoso? Quer outra xícara de café, papai?

Os dois comeram tudo, não deixaram nada. Daí por diante, o café servido na cama, aos sábados, passou a ser um presente semanal de Janis aos pais.

Quando terminou o ano escolar, a contagem de glóbulos estava absolutamente normal. Desde a primavera que ela não precisava de trans-

fusão de sangue, e parecia vender saúde. Sem poder conter-se, Rudy perguntou um dia ao Dr. English se a melhora não poderia ser permanente, se o milagre não teria acontecido.

—Agradeça a Deus vê-la passando bem agora—respondeu o médico.—Não espere mais do que isso . . . por favor.

Mas os Babson não podiam evitá-lo. Um nôvo remédio, talvez uma cura . . . os cientistas andavam descobrindo coisas tão maravilhosas!

—Eu sabia que estava errada—disse depois Rita Babson—e que isso só serviria para tornar as coisas mais difíceis no fim. Mas que fazer? Tentei forçar-me a acreditar que Janis só era nossa por empréstimo, mas não o consegui.

“É o que se Tem por Dentro”

SETEMBRO chegou de nôvo, e Janis, então com dez anos, começou o quinto ano primário. Ficou radiante porque Miss McPhee “também passou de ano” e continuava como sua professôra. Prometeu ao pai que naquele ano ela ia melhorar suas notas de aritmética, que andavam um tanto baixas. Realmente melhorou, e nas composições da aula de linguagem dava vazão à sua gaiatice e senso de humor. Uma dessas composições, que Miss McPhee mandou que ela lesse alto, era intitulada: “Eu, Prefeito de Ottawa.”

Entre outras coisas, Janis propunha que fôssem dobrados os salários da Polícia Montada e declarava que “as meninas teriam de graça tudo o

que quisessem". Mas deixou para o fim a mais drástica de suas reformas: "E qualquer delinqüência juvenil será lançada para o espaço."

Seu boletim de dezembro foi um dos melhores: 100 em linguagem, e mais uma boa nota em aritmética—82. "Continue assim, Janis", escreveu Miss McPhee no boletim.

Mas o período escolar estava quase acabando para Janis. Havia sinais inconfundíveis de que a batalha de dois anos chegava à etapa final. Foram novamente necessárias transfusões de sangue . . . de dez em dez dias. Ela teve de renunciar ao cargo de presidente do grupo escolar Cruzada Eucarística, porque nem sempre podia comparecer às reuniões. Ia mais freqüentemente à clínica, e às vezes tinha de esperar muito tempo.

Os exames e os testes se tornaram mais complicados. As costumeiras espetadelas no dedo já não forneciam ao Dr. English as informações minuciosas de que êle precisava. De vez em quando era preciso extrair líquido raquidiano para estudo—mediante a inserção de uma longa agulha no osso. Uma operação muito dolorosa.

O pior é que as drogas potentes que ela tomava havia 18 meses iam pouco a pouco mudando-lhe a aparência. A carinha fina e viva se tornara escura e pesada. O corpinho ágil passara a ser adiposo e atarracado. No comêço, Rita tentou fazer de conta que nada mudara, tanto por ela mesma como por Janis. Mas um dia, na escola, uma menina desprevenida observou: "Eh, Gordu-

cha, você anda precisando fazer regime!" Janis voltou para casa arrasada. E disse em soluços:

—Ela tem razão, mamãe. Eu estou mudando. As crianças tem vergonha de mim.

Com o coração dolorido, Rita apertou a criança nos braços. Não lhe ocorriam palavras, e ela rezou, pedindo a Deus que a guiasse. Afinal, perguntou:

—Você acha que Deus se importa com as aparências, meu bem? O que importa é o que se tem por dentro—o que a gente *sente*. É a isso que Deus dá valor.

Na hora, o argumento pareceu sossegar Janis. Mas na realidade ela não se consolou senão na tarde de sexta-feira, uma semana depois, quando entrou correndo em casa, rodopiou pela sala e foi espiar para fora, de trás da cortina, tôda animada.

Abaixando o jornal, o pai perguntou:

—Que é que há, môça?

—Estou brincando de pegar—respondeu ela com o seu inimitável sorriso. —Adivinhe com quem! Ricky Lewis correu atrás de mim desde a escola até aqui!

Rudy levantou novamente o jornal e murmurou:

—Que Deus o abençoe!

Lugar de Honra

EM DEZEMBRO daquele ano, a Escola São Nicolau patrocinou uma venda de cartões de Natal. O aluno que vendesse maior número de caixas

de cartões ganharia uma reprodução de *Santa Teresa e as Rosas*. Janis se apegou à idéia de ganhar o concurso. Teresa era a sua santa preferida, de quem ela carregava consigo há mais de um ano uma imagem rasgada e desbotada.

Mas quando voltou da clínica, as outras crianças já haviam percorrido a Estrada de Côte des Neiges. A não ser a sua própria família e alguns vizinhos, não havia mais nas redondezas a quem vender os cartões.

Desconsolada, Janis se encaminhou para o seu quarto, resmungando:

—Se eu não tivesse de ir à danada dessa clínica . . .

—Mas de repente se interrompeu com uma exclamação:

—É lá mesmo que eu posso vender os cartões! Miss Craig compra uma caixa na certa. E Miss Jessamyn e Freda, e . . . ah, papai, quando é que nós vamos lá de novo?

Numa volta rápida pelo laboratório de hematologia e pela enfermaria das crianças, ela vendeu número suficiente de caixas para ganhar longe o concurso. E voltou depressa para casa para ler do princípio ao fim o novo livro que ganhara. Radiante, disse a Charmaine:

—Santa Teresa é minha irmã mais velha no Céu, assim como você é minha irmã mais velha na terra.

Como prova de gratidão, fez um pequeno presépio de papelão e algodão e levou-o para a enfermaria das crianças no hospital.

—Há lugar aqui para isto?—perguntou ela à encarregada.

Comovida, a mulher respondeu: —Isto vai ser colocado no lugar de honra.

Esvaziou um canto da mesa da secretária e, com grande cerimônia, instalou ali o presente de Janis.

Dias que Encurtam

POUCO ANTES do Natal, o sangue de Janis começou a degenerar outra vez. O Dr. English chegou à conclusão de que era preciso fazer outra punção. Janis ficou pálida.

—Não, isso não, papai!—suplicou ela, cedendo pela primeira vez ao medo.—Não agüento, isso eu não agüento!

Rudy a segurou.

—Eu acho que você agüenta—disse êle baixinho.—Basta ter coragem e fé.

Lentamente ela se aprumou. Pediu ao Dr. English e a Miss Jessamyn que a deixassem sòzinha um instante. Depois, ajoelhando-se nos ladrilhos do laboratório, pediu a Deus fôrças para submeter-se à torturante operação.

—Eu sei que é para me fazer melhor, meu Nosso Senhor. Mas preciso de um pouquinho mais de coragem.

Rudy voltou o rosto para que ela não visse os seus olhos vermelhos.

No Natal o progresso da doença parecia inexorável. Mas Janis não se entregava às dores nem ao cansaço. Continuava patinando na neve para ir todos os dias à escola, embora Roddy precisasse muitas vêzes ajudá-la na volta para casa. As suas com-

pras de Natal foram esmeradas: um estôjo de unhas para a mãe, lenços para o pai, brinquedos para os irmãos menores, uma caixa de lápis para Roddy, e passadores enfeitados de pedrarias rebrilhantes para Charmaine, que então se dava a grandes trabalhos com o cabelo tôdas as noites.

Quando os Babson voltaram da Missa do Galo, Janis estava acordada, tagarelando com a acompanhante. Estava tão alegre e tão entusiasmada com os novos enfeites da árvore de Natal que Rita não teve coragem de mandá-la dormir. Minutos depois, porém, ela sentiu náuseas e conformou-se em tomar uma pílula e deixar que o pai a levasse para cima.

Cedinho no dia seguinte, como se nunca tivesse sentido dor na vida, ela estava embaixo para abrir os presentes com as outras crianças, fascinada pelo vestido de festa azul-claro que os pais lhe deram e a saia de pregas e o suéter côm de coral que vovó Babson mandou. Havia também para ela uma máquina de costura de bateria, tintas novas, trabalhos de agulha e uma porção de livros. Sentada no chão, no meio de papéis de embrulho e enfeites prateados, disse:

—Nunca, nunca mais vou ter um Natal tão feliz como êste!

“Daqui a Uma Semana Estou em Casa”

ALGUMAS semanas depois, pouco antes de soar a campainha de saída da escola, Janis estremeceu convulsivamente na sua carteira. Justamente

no momento em que a dor nas costas chegava ao auge, ela olhou rapidamente em volta para ver se alguém tinha notado. Encolheu-se para trás, tentando passar despercebida, e trincou os dentes, rezando silenciosamente para que a campainha tocasse depressa. E foi assim que, sem que ninguém soubesse, Janis saiu pela última vez da Escola São Nicolau. Roddy ajudou-a a chegar a casa através da neve recente.

Ao amanhecer, alguns dias depois, ela teve uma crise grave de dores nas costas, que se prolongaram por mais tempo do que na escola. Janis foi levada para o hospital no dia seguinte.

—Presumo que a massa das células se espalhou pela área da coluna, atacando os nervos—disse o Dr. English depois do exame.—É melhor que ela fique aqui. Vamos ver o que é possível fazer para aliviar a dor.

Janis não protestou quando Rudy lhe disse que ela precisava ser novamente hospitalizada. Tinha a fisionomia abatida pela dor e a fadiga, mas o espírito continuava invicto.

—Tenho certeza de que vou melhorar mais depressa aqui—disse ela.—Vocês vão ver. Daqui a uma semana estou em casa.

Doses mais fortes dos remédios não tardaram a equilibrar melhor a contagem de glóbulos. Dentro de três dias ela já estava de pé, dando carreiras à cozinha, onde estava sua grande amiga Freda, e voltando para ver as meninas da seção de hematologia. Sentindo-se veterana,

andava de quarto em quarto, animando as crianças recém-chegadas ao hospital.

Havia Betty, uma lourinha da idade de Janis. Fôra operada de câncer. Andava preocupada por faltar à escola e ficou radiante quando Janis se prontificou a exercitá-la em ditado e aritmética.

Um dia foi levada ao quarto de Janis uma menina mais môça, Susie, que ela conhecera da outra vez em que estivera no hospital. Estava sòzinha e assustada, e Janis lhe disse que ela seria sua amiga especial.

—Não precisa incomodar as enfermeiras quando precisar de alguma coisa. É só dizer-me.

Punha a comadre para Susie, levava-lhe água inúmeras vêzes e ajudava a dar-lhe de comer na hora das refeições. Todos os dias, antes da hora da visita, endireitava a cama de Susie e dizia:

—Nada de chôro quando seu pai e sua mãe chegarem. Lembre-se de que êles já têm muito com que se aborrecer.

Acima de tudo, ela gostava de ajudar as enfermeiras a tomarem conta das crianças menores. Ajeitava-lhes os travesseiros, lia histórias e fazia e coloria desenhos engraçados para elas. Uma vez ficou acordada até de madrugada consolando Donna, uma garotinha de três anos que sofrera um acidente e fôra engessada. Na tarde seguinte, as enfermeiras a nomearam solenemente “ajudante de enfermeira oficial extra-oficial”.

Entretanto, apesar de tôda a sua

fôrça e profundidade de caráter, Janis era ainda uma meninazinha. Com tôda a sua amizade às enfermeiras e aos técnicos, o hospital continuava a ser uma coisa do mundo dos adultos, e ela nunca desconfiara da verdadeira razão por que estava ali. Mas é possível que lhe tenha afinal passado pela cabeça algum pressentimento do que estava para acontecer. Às vêzes descia sòzinha para o ambulatório e sentava-se num banco... uma criança de olhos muito grandes, com um roupão côr-de-rosa, esperava em silêncio por outras crianças que conhecera durante os dois longos anos de seu próprio tratamento. Essas crianças nunca chegavam. Ela perguntou à encarregada:

—Eddie não vem mais nas quintas-feiras? E Gloria?

A mulher respondeu que não, que êles não vinham mais nas quintas-feiras. Janis então desviou os olhos. Pouco tempo depois, ela perguntou a Rita:

—Mamãe, você se lembra de Eddie e Gloria? Morreram, não foi?

—Foi, meu bem—respondeu a mãe, baixinho.—Morreram.

Foi Janis quem rompeu o longo silêncio. Não fitava mais a mãe; seus olhos pareciam perdidos ao longe.

—Não fique triste—disse ela.—Êles estão agora no céu. Devem estar felizes.

“O Amor que Tenho por Êles”

MISS MCPHEE foi visitar Janis e levou cartas de tôdas as suas colegas.

Janis ficou radiante. Quis saber notícias de todos, um por um, e interrogou exaustivamente Miss McPhee.

Charmaine mandava pelos pais, tôdas as noites, um bilhete ansiosamente esperado. Uma vez deixou de escrever, e Janis disse bruscamente:

—Diga a Charmaine que não seja preguiçosa. Eu preciso saber o que se está passando.

Cada palavra de Charmaine, cada bugiganga de Roddy ou Karen, eram afirmações objetivas de que ela era lembrada, de que sua falta era sentida. Mais do que tudo, foi a sensação de união com a família que sustentou Janis durante aquêle tempo.

Ela andava fazendo um elaborado cartão para mandar ao Dr. English no Dia dos Namorados, e ficou maravilhada quando recebeu também um cartão de seu amigo Ronnie.

—Bem que você tinha razão, mamãe!—foi ela dizendo, logo que os Babson entraram, naquela noite.—Nem sempre é a aparência que conta.

Naquele mês de fevereiro, o estado de Janis permitiu que ela fôsse novamente para casa. Mas, devido ao rigor do frio, o Dr. English não queria que ela fôsse à escola. Um resfriado comum poderia ter consequências sérias.

Janis ficava sentada junto à janela da sala de jantar, olhando para fora até ao momento em que tôda a garotada da vizinhança havia desfilado morro abaixo em direção à escola. Depois passava a ler um livro, ou a tricotar as mitenes que estava fazendo para Sally. Às vezes, nas tardes

de solidão, sentia-se inquieta e deprimida. Então chamava a mãe:

—Mamãe, largue um pouco o serviço da casa e venha fazer-me companhia.

Sua história preferida, que ela pedia a Rita para contar uma infinidade de vezes, era sôbre como ela e Rudy se haviam conhecido e casado.

Depois da escola, amigos e amigas iam visitá-la. Invariavelmente, de alguma reserva profunda, Janis arranjava fôrças para recebê-los. Uma vez, no meio de explosões de riso, Rita ouviu uma menina dizer ofegante:

—Pare com isso, Janis. Eu estou sufocada de tanto rir.

Sua antiga rival, Elizabeth Hayes, levou uns exercícios escolares, e as duas conversaram muito tempo. Mas, quando a menina foi embora, Janis disse a Rita:

—Elas já estão aprendendo frações. Nunca mais vou conseguir alcançá-las.

A dor piorou. Passou a ser quase constante; embora Janis não gostasse de falar a respeito, as contorções de sua fisionomia traíam todos os espasmos. Às vezes ressoava pela casa, no escuro, um grito agudo, incontrolável.

Rudy precisava carregá-la até ao carro para as visitas ao ambulatório. A fim de poupar-lhe maiores tormentos, as funcionárias da clínica de hematologia iam tirar o sangue para os exames no próprio pátio de estacionamento. Mesmo assim, era uma agonia, pois havia dias em que era

preciso recolher até dez frascos ou esfregaços de uma só vez, e os braços e as pernas de Janis ficaram cobertos de feridas e cicatrizes.

—Guarde sempre uma reserva—aconselhava o Dr. English, a propósito das doses de codeína que Janis tomava.—Do contrário, no fim, não haverá mais nada que faça efeito.

Mas os frascos se esvaziavam cada vez mais depressa.

Em março ela teve de voltar para o hospital para uma série de radiações. Com isso, o Dr. English tinha esperanças de reduzir o bloco maciço de células. Quando ela começou a encontrar dificuldade em andar, tiraram-lhe as medidas para um aparelho. Ainda assim, ela raramente se queixava, raramente falava em tristezas. Mas uma noite, quando Rita e Rudy chegaram à enfermaria para visitá-la, encontraram Janis cochilando, com um caderno aberto ao lado. Nêle acabara de escrever:

“Neste momento estou chorando pelos meus queridos, muito queridos pais, pois sinto muitas saudades aqui no hospital. Acho que nunca mais na vida vou deixar passar pela minha cabeça um mau pensamento a respeito dêles, porque agora sei o amor que lhes tenho.”

Rudy pôs novamente o caderno onde estava e saiu na ponta dos pés. Chamou o Dr. English. Se êle levasse Janis ao hospital tantas vêzes quantas fôsse necessário, se êle e Rita seguissem religiosamente as instruções . . . não poderiam levar Janis para casa?

O Coração Deixado de Fora

CHARMAINE e Roddy fizeram um enorme cartaz de boas-vindas, mas concretizou-se um dos piores receios de Janis: a pequena Salli a estranhou. Deitada no sofá da sala de estar, mal podendo mexer-se, Janis chamava e tornava a chamar a menina, sem resultado. Uma vez deixou cair de propósito a imagem do Menino Jesus com que andava agarrada, e pediu:

—Sally, você quer apanhar para Janis?

A menina se deixou atrair para mais perto, e finalmente Janis estendeu os braços e segurou-a:

—Ah, meu bem, eu só quero abraçar você um instante. Você não se lembra mais de Janis?

Sally começou a debater-se, depois desatou a chorar. Desolada, Janis soltou-a. E disse, por sua vez soluçando:

—Ela nem me conhece mais, mãe.

—Você passou tanto tempo fora, meu bem. E ela é pequenina— explicou Rita carinhosamente.

—Mas se eu morrer . . . se eu morrer, mãe, ela não se lembrará *nunca* de mim!

Esmagada, Rita voltou depressa o rosto.

Janis lia um pouco. Enquanto podia sentar-se, podia ainda fazer tricô, lenta e pacientemente. Mas passava a maior parte do tempo olhando pela janela, para a estrada lá fora. A dor quase nunca a deixava.

—É como se alguém estivesse enfiando nas minhas costas o galho sêco de uma árvore velha—dizia ela.

As células em revolta, amontoadas na sua espinha, tinham começado a infiltrar-se na cabeça, e o resultado é que os dentes também lhe doíam. Mordia desesperadamente a pequena imagem de Jesus, que então raramente lhe saía das mãos. Uma veia pulsava-lhe na têmpora, e muitas vezes sentia tonturas.

Afinal, não houve mais escolha: Janis teve de voltar para o hospital. Quando os padioleiros a carregavam, ela pediu que abaixassem um instante a maca. Olhou em volta, demorando os olhos na casa tôda, e disse com simplicidade:

—Não quero esquecer nada. Assim ninguém me esquecerá.

Ia olhando sôfregamente pela janela da ambulância, à medida que esta subia a Estrada de Côte des Neiges.

Mais tarde, o Dr. English encontrou Rita e Rudy, ambos nervosos e exaustos, à sua espera no longo corredor que levava à enfermaria das crianças.

—Não há mais nada a fazer—disse êle.—Eu avisei que não sei fazer milagres. Eu . . .

Abanou a cabeça, desesperançado, evidentemente prêsas de uma emoção muito profunda, e afastou-se.

Pouco depois, Janis perguntou ao pai se tinha havido alguma coisa com o Dr. English.

—Êle costumava demorar e brincar comigo, e agora nem me olha

quando vem aqui. Êle não gosta mais de mim?

—Não é nada com você, meu bem—disse Rudy, procurando tranqüilizá-la.—É só que . . . êle anda muito ocupado.

Criara-se uma extraordinária camaradagem entre a menina e o médico, no curso dos longos meses de tratamento: a fisionomia do homem se iluminava cada vez que a criança entrava no seu consultório. Mas terminara a festa. Não podia fazer mais nada por ela, e isso o feria mais do que êle ousava demonstrar.

Parecia inacreditável, mas Janis ainda apresentou uma melhora. Estava tomando doses maciças de morfina, e, um pouco aliviada das dores que lhe consumiam o corpinho cansado, arranjou fôrças para reagir. Os seus tios Jim e Joe foram visitá-la, e ela, que adorava visitas, recebeu-os com uma vivacidade que lembrava muito a dos antigos tempos. Fêz os dois rirem com as suas queixas de que não podia tirar o dedo do pé de dentro dos apertados lençóis do hospital.

Na tarde seguinte, precisando voltar a Kingston, o tio Joe passou pelo hospital para despedir-se mais uma vez. Mas tinham dado a Janis uma dose de fenobarbital, e ela estava dormindo. Quando soube que perdera a visita, ficou desolada. Naquela noite, quando os Babson foram visitá-la, ela estava cochilando de nôvo, mas dessa vez havia uma fôlha de papel sôbre o seu peito, com os seguintes dizeres: “Se vier alguém

e eu estiver dormindo, não vá embora!”

Lentamente, começou a cair de novo. Mesmo a morfina só lhe dava algumas horas de alívio, e o fim estava evidentemente próximo. No dia seguinte ao da sua internação, o capelão do hospital lhe dera a Extrema-Unção.

O Testamento de Uma Menina

Os BABSON resolveram que se houvesse no mundo alguma coisa que pudesse alegrar os últimos dias de Janis, fôsse o que fôsse, custasse o que custasse, êles a comprariam para ela. Mas Janis abanou a cabeça quando os pais lhe perguntaram.

—Eu já lhes custei tanto dinheiro —disse ela.—Além disso, tenho tudo o que quero.—Depois, forçou a sombra de um sorriso malicioso.—Vale qualquer coisa?

—Qualquer coisa—prometeu Rudy.

—Eu gostaria de ver as crianças mais uma vez!—disse ela impetuosamente.—Sei que é contra as regras do hospital, mas quem sabe se vocês não conseguem trazer Charmaine às escondidas. Só Charmaine. Não seria tão grave assim, não é?

Na noite seguinte, acompanhados de Charmaine, Rita e Rudy subiram por uma escada dos fundos, sem serem vistos, e entraram no quarto de Janis.

—Ah, ah, ah! Vocês conseguiram! —gritou Janis.

Estendeu os braços, e as duas irmãs se agarraram uma à outra, aos

beijos e aos abraços. Charmaine usava um chapéu amarelo novo em folha e fêz questão de que Janis o experimentasse. As duas não paravam de rir e tagarelar, observadas pelos Babson, que haviam fechado a porta. Janis fazia uma avalanche de perguntas:

—Como vai a escola? Você tem visto Ricky Lewis? E as crianças?

De repente, a enfermeira-chefe abriu a porta, e Charmaine prendeu a respiração. A mulher parou brusca-mente, percebeu tudo com um olhar, e depois encaminhou-se rapidamente para a cama de Janis e deu-lhe uma pílula.

—Por que é que você está tão contente?—perguntou ela, com toda a naturalidade, olhando para além de Charmaine, como se não houvesse ninguém sentado do outro lado da cama.

E saiu, fechando a porta.

Durante muito tempo Charmaine e Janis continuaram conversando. A hora da visita passou depressa demais.

—Não esqueça de mim—disse Janis, quando se despediram.—Não deixe que as crianças me esqueçam.

Quando saíram, os pais disseram a Charmaine, pela primeira vez, que Janis ia morrer. As lágrimas que Charmaine contivera a noite inteira correram livremente, e ela perguntou, soluçando:

—Por quê? Por quê?

Na manhã seguinte, a própria Janis soube da verdade. Entraram no seu quarto um jovem interno e

uma enfermeira nova naquele andar.

—Que é que você tem, belezinha?
—perguntou o médico, brincando.

Antes que Janis respondesse, a enfermeira consultou o seu caderno de anotações e disse:

—É um caso de leucemia.

O interno lançou-lhe um olhar furioso, mas o mal estava feito. Janis, que sabia a significação da palavra, ficou sòzinha até à tarde a revolvê-la na imaginação. Perguntou a Rita, quando ela chegou:

—Minha doença é leucemia, não é?

Rita ficou lívida. Sentiu um impulso desesperado de fugir.

—Por que é que você pergunta isso?—disse ela afinal.

Janis contou-lhe então o que acontecera.

—E que é que você sentiria se de fato tivesse leucemia?—perguntou Rita, em voz baixa.—Você teria medo?

Janis abanou a cabeça:

—Se é isso que eu tenho, deve ser da vontade de Deus que eu tenha isso mesmo. Medo de quê? Depois, pode ser que eu ainda melhore.

Mas daí a pouco fêz frente a si mesma, numa silenciosa transição da esperança para a aceitação. E disse triunfante:

—Eu tenho rezado tanto para melhorar, mamãe, e nunca entendi por que não melhorava. Agora sei... é porque não era da vontade de Deus que eu melhorasse. Êle me quer.

Ficaram as duas lado a lado, sem falar. Rita sentia uma grande calma.

Havia meses que ela procurava preparar-se para ajudar Janis a enfrentar aquêle momento terrível. Pois o momento chegara, e era Janis quem a ajudava a enfrentá-lo.

Mais tarde, num tom muito objetivo, Janis fêz perguntas sôbre o purgatório.

—Você acha que eu terei de passar lá muito tempo, mamãe? Tenho umas tantas contas para acertar, sabe?

Rita Babson apertou-a nos braços:

—Você está no purgatório há mais de dois anos, querida. Quando o bom Deus achar que chegou o momento, vai levar você diretamente para o Céu.

No sábado, dia 6 de maio, Janis disse à mãe que queria fazer o seu testamento.

—As pessoas fazem isso antes de morrer, não é?

—É, minha filha—concordou Rita, depois de uma pausa.

Notando a tristeza da mãe, Janis recomendou:

—Não fique triste, mamãe. A única coisa que me preocupa é a tristeza de você e de papai. Mas vocês têm os outros filhos. E eu estarei perto de vocês sempre que precisarem de mim. Isso eu prometo.

Foi assim que Janis se preparou para a última e longa viagem:

—Minha bicicleta nova fica para Charmaine, e minha caixa de tintas para Roddy.

Nada disto é verdade, pensava Rita. Não está acontecendo. É um pesadelo, e eu vou acordar, se real-



**Tão
Fácil**

Vise simplesmente com a Minolta Zoom 8, dispare... e obterá no filme exatamente o que você vê através do visor e da objetiva reflex. Zoom de grande angular até ao telefoto (10 a 30 mm). Panoramize ou zoom, da sombra para a luz... e um poderoso fotômetro automático de sulfeto de cádmio (CdS) corrigirá a exposição.

O punho perfeitamente equilibrado, o motor elétrico de três suaves velocidades (12, 16 & 24 FPS) e o indicador de bateria da Minolta Zoom 8 tornam esta câmara cinematográfica a mais fácil de segurar e a mais fácil de usar em qualquer parte.

Minolta

MINOLTA CAMERA CO., LTDA., Osaka, Japão

Representantes para o Brasil:

COSIMEX COMÉRCIO IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO S.A.

Caixa Postal, 1939 - Rio de Janeiro

mente fizer um esforço para isso.

Mas continuou escrevendo no seu caderno o que Janis ia ditando. Janis pediu que o seu aparelho fosse dado a outra criança que precisasse dêle, e que dissessem a Freda onde ela ia ser enterrada, porque Freda podia querer visitar o túmulo.

—Dê a papai o meu livro de orações e o meu cofre, e meus sais de banho são para você. E não esqueçam o Banco de Olhos.

Rita correu à capela do hospital, para rezar.

O Último Presente

NA MANHÃ de 12 de maio, Rita comprou para Janis uma nova imagem de Santa Teresinha. Janis olhou-a com ternura.

—Ela está sorrindo. Está à minha espera — disse.

Pouco depois, Janis começava a cair seguidamente em coma. Foi colocada sobre sua cabeça uma tenda de oxigênio para facilitar-lhe a respiração, e as enfermeiras receberam instruções para dar-lhe morfina tantas vezes quantas fossem necessárias. Mas a morfina já não adiantava grande coisa.

Do outro lado do corredor, alguém tocava um rádio, e uma enfermeira entrou para perguntar se Janis queria que diminuíssem o volume. Rita ia responder que sim, mas Janis sacudiu fracamente a cabeça.

—Eu estou gostando—murmurou ela.

E tentou mexer os dedos dos pés no ritmo da música. Com um último

vestígio do seu sorriso malicioso, acrescentou:

—Se êsses malditos lençóis não estivessem tão apertados, eu era muito capaz de marcar o compasso.

Rudy ficou com ela a noite inteira, enquanto Rita ia para casa dormir. Quando Rita voltou na manhã seguinte, uma enfermeira que evidentemente estivera chorando fê-la parar no corredor.

—Diga a ela que está muito bonita—recomendou a enfermeira.— Ela pediu que nós . . . que nós a preparássemos.

As enfermeiras a tinham banhado e tinham penteado o seu cabelo, embora tocá-la e mexer com ela fôsse uma verdadeira agonia para a criança. Janis fizera questão de vestir a camisa de dormir nova, côr-de-rosa com flôrezinhas brancas. Foi preciso cortá-la nas costas para vestir-lha.

—Como você está linda!—disse Rita ao entrar.

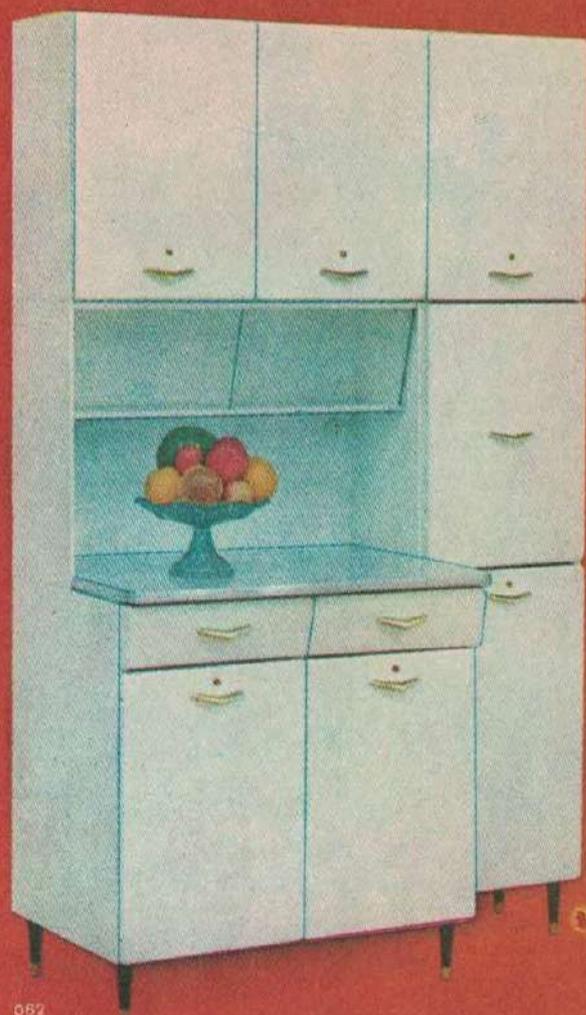
Janis sorriu. Tinha os olhos vivos, mas estava muito fraca.

—Agora estou pronta para qualquer momento—disse ela.—Mas gostaria que você e papai ficassem comigo.

Ela se lembrava de que era o aniversário de Karen, e perguntou se o dia estava bonito. Rita respondeu que sim.

—Que bom!—disse Janis.—Dê um beijo nela por mim.

Perdeu a noção das coisas, e acordou, dormiu de novo. Uma vez perguntou a Rita se poderiam pesá-la depois de morta.

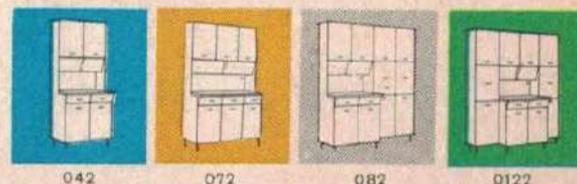


SECURIT
Compact

para copa e cozinha

de estilo e acabamento incomparáveis, os conjuntos Securit-Compact são os mais modernos e perfeitos móveis para copa e cozinha que v. pode adquirir.

vários modelos à sua escolha:



REVENDEDORES AUTORIZADOS EM TODAS AS CIDADES



Seleções assegura vida mais longa para o seu anúncio!

Sim. Porque Seleções é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e os próprios leitores afirmam não existir o que se poderia chamar "um número antigo de Seleções". O interesse da matéria editorial de Seleções se transmite aos anúncios. É por isso que eles têm uma vida mais longa e mais ativa do que em qualquer outra revista. São inúmeros os anunciantes que continuaram recebendo, anos após a publicação, consultas e cupons resultantes de seus anúncios em Seleções.

Seleções do Reader's Digest

RIO: Av. Presidente Vargas, 62 - 7.º andar; tel.: 23-8519
S. PAULO: Av. Cásper Líbero, 58 - 14.º and.; tel.: 33-1135

—Quero saber se vou para o Céu como era antigamente—bonitinha e magrinha.

—Seu corpo é apenas um vestido, meu bem—disse Rita.—E depois, como é que eu ia dizer a você?

Janis riu alto.

—É claro! Estou ficando bôba com a idade.—Fechou os olhos.—Mas você me veste com umas roupas bonitas, sim? E põe uma fita no meu cabelo.

Quase ao anoitecer, como se saísse com esforço de um pesadelo, abriu os olhos e disse muito claramente:

—Papai! Você já se entendeu com o Banco de Olhos?

Abalado, Rudy trocou com Rita um olhar de dor aguda. Confessou que não.

—Você me prometeu! Eu quero que você cuide disso agora. Por favor.

Os Babson tinham conversado muito sobre o insistente pedido de Janis. Nunca puseram em dúvida que fôsse mais do que um simples capricho—ou que seriam perseguidos por uma sensação de culpa se lhe faltassem. Mas uma menina tão pequena podia realmente compreender?

Naquele instante, naquela troca de olhares, pareceu-lhes descobrir a verdade. Ela compreendia. Era o presente que mais queria dar.

Rudy procurou uma das enfermeiras.

—Miss Chapman—começou êle, hesitante.—Janis... quer doar os olhos para o Banco de Olhos, quando

nos deixar. Não sei como . . . e . . .
—Sacudiu a cabeça.—Eu prometi,
mas não sei o que fazer.

—Vou telefonar ao Dr. English—
disse Miss Chapman.—Deixe isso
por nossa conta, Cabo Babson. Diga
a Janis que não se preocupe.

Uma hora depois apareceu um
interno com um formulário para
Rudy preencher e assinar, e o caso fi-
cou resolvido. Janis sorriu para o pai.

—Estou contente—murmurou ela.
Às nove horas da noite, Janis esta-
va tão fraca que já não fazia esforço
algum senão abrir os olhos de vez
em quando e olhar de Rita para
Rudy. Satisfeita em vê-los junto
dela, suspirava e adormecia de novo.

Repentinamente, porém, fêz um
grande esforço para sentar-se. Tinha
os olhos muito abertos, e olhava
fixamente para diante, como se qui-
sesse ver melhor o que se estendia à
sua frente.

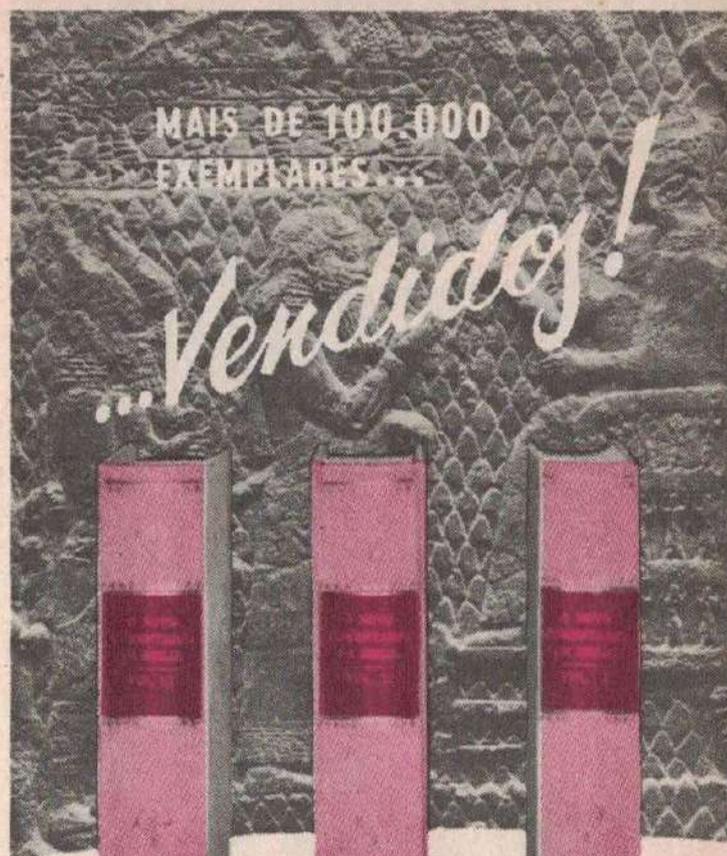
—Ai, será isto o Céu?—gritou
ela.—Mamãe! Papai! Venham de-
pressa!

Curvaram-se os dois para ela, se-
gurando-a, espantados com a súbita
fôrça dos bracinhos exaustos que os
puxavam para um último abraço.
Mas, logo em seguida, a fôrça desa-
pareceu completamente.

Eram 9h 25m da noite. Algumas
horas depois, os preciosos olhos de
Janis estavam a caminho da sede do
Banco de Olhos, em Toronto.

A Multiplicação dos Pães

DA ESCOLA São Nicolau não fal-
tou ninguém ao entêrro. Elizabeth



MAIS DE 100.000
EXEMPLARES...

...Vendidos!

UMA OBRA MAGNÍFICA! O NOVO COMENTÁRIO DA BÍBLIA

UM PRESENTE AO POVO BRASILEIRO

- * Já traduzido para 5 idiomas
- * O Antigo e Novo Testamento comentados,
parágrafo por parágrafo
- * 1490 páginas — 3 volumes em
ótima encadernação

OFERTA DE LANÇAMENTO!

CR\$ 6.000,00

Faça o seu pedido até 31 de dezembro e receba
GRÁTIS um exemplar da BÍBLIA SAGRADA

EDIÇÕES VIDA NOVA SOC. LTDA.

Caixa Postal, 6617 - Tel. 32-3408 - São Paulo

Nome _____

Enderêço _____

Tel. _____ Cidade _____

Estado _____

Hayes, soluçando, foi amparada e consolada por Miss McPhee. A melhor amiga de Janis, Tricia Kennedy, tinha-se mudado e não pôde ir ao funeral. Janis estava serena e linda, com o seu vestido de festa azul-claro. Teria ficado encantada com a graça da fita de veludo que a mãe lhe amarrou no cabelo.

—Foi uma desolação para Janis ter de interromper os estudos, pois queria muito terminar o ano com o resto da classe—disse o Reverendo Frederick Brossler, vigário da Igreja de Santo Agostinho.—Desejamos todos uma viagem feliz e tranqüila para você, Janis. Você se formou com as notas mais altas.

Os Babson voltaram do cemitério misteriosamente consolados. A vida de Janis seria sempre maravilhosa e incomparável para êles, é claro. Mas êles pressentiam alguma coisa mais, uma resposta à sua dolorosa pergunta—por quê?—embora não soubessem ainda exatamente qual. O tio de Janis, Bob Quinn, expressou a idéia da seguinte maneira:

—Os dez anos desta criança na terra não são tudo. Não pode ser.

Pouco tempo depois, em Chalk River, Ontário, um repórter da localidade foi entrevistar uma família recém-chegada para uma coluna social. Eram os Kennedy, que antes moravam na Estrada de Côte des Neiges. O repórter perguntou se êles tinham alguma história de interesse humano para encerrar a sua reportagem. “Eu tenho”, interveio uma voz infantil.

Sòmente

Tek

é **antigerme:**
proteção total!

Cerdas quimicamente tratadas impedem o desenvolvimento de micróbios, após cada uso e durante a vida normal da escôva.

Tek limpa melhor!
Dura mais!

Johnson + Johnson

— GARANTIA DE QUALIDADE

E Tricia contou que sua melhor amiga, Janis Babson, morreria de leucemia e deixara seus olhos para o Banco de Olhos.

O repórter telefonou ao cronista Tim Burke, do *Journal* de Ottawa, e Burke foi procurar os Babson. No dia seguinte ao da publicação da reportagem no *Journal*, 27 cidadãos de Ottawa assinaram compromissos de doação dos seus olhos ao Banco de Olhos. Era um recorde de doações num só dia, mas foi quase imediatamente superado, numa reunião do Kinsmen Club, em que 50 sócios doaram os olhos. Pouco tempo depois, 175 soldados da Polícia Montada fizeram a mesma coisa, acompanhados pelas famílias.

Os ecos continuaram a crescer. A reportagem de Burke foi aproveitada pelas agências telegráficas canadenses. Alguns meses depois uma freira que soubera do caso escreveu um comovente relato, sob o título *Janis of City View*. Começaram a chover cartas na casa de estuque da Estrada de Côte des Neiges, e até hoje Rita e Rudy dedicam uma ou duas horas por noite a respondê-las.

Afinal, em Toronto, um farmacêutico aposentado de nome Abe Silver leu a história de Janis. Ficou tão comovido que instituiu na Universidade Hebráica de Jerusalém o Fundo de Doações em Memória de Janis Babson, para a concessão de prêmios destinados a incentivar as pesquisas sobre leucemia.

O mais impressionante, porém, tem sido o aumento constante das

Seleções de dezembro lhe oferece um manual repleto de beleza e atualidade

"Sob o signo da elegância"



ASSUNTOS DE PALPITANTE INTERESSE DA MULHER:

- Elegância, sinônimo de tranquilidade.
- Que é feito da feminilidade?
- A arte de bem sentar.
- Você sabe realmente maquilar-se?
- Conhecendo suas jóias.
- Mais carinho com seus cabelos.
- O uso de perfumes, um hábito antigo.
- Cirurgia plástica—luxo ou necessidade?

e muitas outras novidades fascinantes sobre moda, cor, beleza e bom-gosto!

"Sob o Signo da Elegância

É UM BRINDE DE SELEÇÕES DE DEZEMBRO PARA VOCÊ!

doações ao Banco de Olhos, em Ottawa. A partir de 1959, quando começaram a ser mantidas estatísticas extra-oficiais, até o dia da morte de Janis, um total de 644 cidadãos de Ottawa haviam prometido seus olhos quando morressem. Nos dois anos que se seguiram, houve 1 710 compromissos, entre os quais o de toda a família Babson. Semana após

semana, em grupos de 10 a 100, inspirados pela doçura e bondade de uma menina, os homens e mulheres de Ottawa tomam a iniciativa que um dia dará vista a muitas centenas de pessoas cegas.

Esquecida, Janis? Continua, como tinha esperança de continuar, parte integrante da vida que amava tão profundamente.

ESTÁVAMOS jogando golfe com Billy Graham e ficamos outra tacada atrás quando uma jogada dele ressaltou duas vezes numa ponte estreita sobre uma ravina e foi parar no gramado.

—Parece-nos—dissemos em gentil protesto—que nesta partida estamos enfrentando alguma coisa mais do que comumente enfrentamos. Billy Graham não concordou conosco.

—É curioso—disse, preparando uma tacada.—Joguei há poucos dias com o Presidente Kennedy e também ele disse isso. Mas eu lhe assegurei que não havia motivo para se preocupar. O único lugar em que minhas orações *nunca* têm efeito é no campo de golfe.

—Cleveland Amory, em *Saturday Review*



SELEÇÕES do Reader's Digest

Publicada mensalmente pela Editôra Ypiranga S. A. — Av. Pres. Vargas, 62, 7.º and., Rio de Janeiro, Brasil.

Diretor-Presidente: Herbert Moses

Diretor-Secretário: Tito Leite — *Diretor-Consultivo:* Dr. Lauriston Job Lane, Jr.

Redator-Chefe: Tito Leite — *Redatores:* João Távora, J. Veiga e Ismênia Dantas

Diretor de Publicidade: Saulo Guimarães

Copyright © 1963 da Editôra Ypiranga S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Proibida a reprodução de qualquer maneira, no todo ou em parte, em português ou outras línguas. Direitos reservados em todo o mundo. Efetuadas as formalidades necessárias, inclusive depósito quando requerido. Proteção garantida pelas Convenções Internacional (de Berna) e Pan-Americana de Direitos Autorais.